

## TRAJETÓRIAS CRUZADAS: JOVENS E POLÍTICAS DE SEGURANÇA PÚBLICA NO GUAJUVIRAS/CANOAS

*ACOSTA, Suélen Pinheiro Freire<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente trabalho é resultado de pesquisa desenvolvida com jovens moradores do bairro Guajuviras, participantes do projeto Casa da Juventude. O objetivo principal é compreender como os fenômenos ligados a violência urbana e a participação em projetos na área da segurança pública, como a Casa da Juventude, impactam na construção de identidades e trajetórias destes jovens. Para tanto, foram utilizadas metodologias quantitativa e qualitativa com a realização de coleta de materiais sobre a história do bairro e dados sobre o desenvolvimento dos projetos voltados a juventude, observação participante na Casa da Juventude e entrevistas em profundidade com sete jovens que estivessem participando ou tivessem participado da Casa. Foi possível observar suas percepções sobre a experiência de viver o Guajuviras e participar (ou ter participado) da Casa da Juventude, além de conhecer as diferentes formas de sociabilidade que produzem no contexto do bairro.

**Palavras-chave:** Casa da Juventude, Guajuviras, Trajetórias, Estigma, Juventude

**Abstract:** The present paper results from a research developed with young residents of the neighborhood Guajuviras, participants of the project Youth House. The main objective is to understand how the phenomena related to urban violence and participation in projects in the area of public security, such as the Casa da Juventude, impact on the construction of identities and trajectories of these young people. To that end, quantitative and qualitative methodologies were used with the collection of materials on the history of the neighborhood and data on the development of projects aimed at youth, participant observation in the Youth House and in-depth interviews with seven young people who were participating or had Participated in the House. It was possible to observe their perceptions about the experience of living the Guajuviras and to participate (or to have participated) in the Youth House, besides knowing the different forms of sociability that they produce in the context of the neighborhood.

**Key words:** Casa de Juventude, Guajuviras, Trajectories, Stigma, Youth

### Introdução

---

<sup>1</sup>Mestranda do PPG em Ciências Sociais da Unisinos (CAPES PROSUP). Licenciada em Ciências Sociais pela Unisinos.  
[suelenpfacosta@gmail.com](mailto:suelenpfacosta@gmail.com)

Desde 2009, com a implementação do programa “Território de Paz” no bairro Guajuviras, no município de Canoas/RS, o mesmo tem sido palco de diversos projetos na área da segurança pública, voltados à população jovem. Mudanças nas dinâmicas da violência e da criminalidade no bairro têm justificado mudanças e novos investimentos nestas políticas. Em ambas as situações – “retorno” da violência e re-investimento em segurança pública – há um mesmo ator social implicado: o jovem. De fato, não se trata de “qualquer jovem”, mas daquele que responde a determinados critérios considerados “de risco”. Assim, tais políticas visam alcançar aqueles jovens que seriam o principal alvo da violência, atraídos ou atingidos por ela, e aqueles que já tenham cometido algum delito que o coloque “em conflito com a lei”.

Nesse sentido, o presente artigo visa problematizar a relação entre tais fenômenos. Busca-se compreender como os jovens atendidos por tais políticas percebem a violência no bairro, bem como a forma como as mesmas afetaram em suas trajetórias. Foram utilizados métodos quantitativo e qualitativo. O primeiro, empregado na análise de dados referentes aos jovens do bairro e aos projetos desenvolvidos. O segundo, na realização de “entrevistas em profundidade” seguidas de exercício de “análise de conteúdo” (BARDIN, 1977). Além disso, através da vivência na Casa da Juventude<sup>2</sup>, pude direcionar um “olhar diferenciado” (MAGNANI, 2012) aos jovens e ao projeto, especialmente às relações que estabelecem com o mesmo. Desse modo, tanto na observação participante (e partindo dela) quanto na análise das entrevistas, busquei utilizar o método do “olhar etnográfico de perto e de dentro” (MAGNANI, 2012, p. 267).

É neste plano que entra a perspectiva “de perto e de dentro”, capaz de apreender os padrões de comportamento não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais, cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos.

Foram realizadas sete entrevistas, em locais do bairro escolhidos pelo jovem entrevistado, visando deslocamento do espaço da Casa da Juventude.

Tem-se então a necessidade de abordar os temas relativos à violência e aos jovens do bairro Guajuviras como categorias relacionais, visto o entrelaçamento entre estes no cotidiano e nas problemáticas do bairro. Dessa forma, ao considerar os jovens que participam da Casa da Juventude Guajuviras, que carregam algumas características objetivas em comum, entende-se a necessidade de pensar a categoria juventude como descrita por Reguillo (2003):

---

<sup>2</sup>Vivência como estagiária, no período de Dezembro de 2015 a Dezembro de 2016

La juventud es una categoría construida culturalmente, no se trata de una “esencia” y, en tal sentido, la mutabilidad de los criterios que fijan los límites y los comportamientos de lo juvenil, está necesariamente vinculada a los contextos sociohistóricos, producto de las relaciones de fuerza en una determinada sociedad (p. 104).

Então, os jovens moradores do bairro Guajuviras, que estejam participando (no período da pesquisa) ou participaram dos projetos desenvolvidos na Casa da Juventude, serão analisados enquanto inseridos em relações e círculos sociais nos quais a violência é uma constante.

### **Bairro Guajuviras: da ocupação urbana ao território de paz**

Fruto dos movimentos de ocupação urbana, o bairro Guajuviras, no município de Canoas/RS, nasce em 17 de Abril de 1987. Nessa data o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti viveu sua primeira ocupação. As famílias que participaram deste processo estavam inscritas no programa, porém sem receber respostas quanto a data que poderiam receber suas casas. As casas que estavam sendo construídas pela Companhia Habitacional (COHAB) foram, então, ocupadas por tais famílias. Algumas casas foram ocupadas ainda antes de sua conclusão, de modo que as próprias famílias se encarregaram deste trabalho, formando “redes de solidariedade” (SANTOS, 2016).

O segundo movimento de ocupação apropriou-se de outras habitações e áreas verdes do bairro, localizadas no entorno da Avenida Principal, tendo ocorrido em diferentes momentos. Diferente do primeiro grupo, essas famílias não possuíam documentação para regularizar suas propriedades, formando as “vilas” que compõem o bairro e marcando desigualdades internas. Exemplo é a Vila Comtel, área verde ocupada desde 1999 que “carrega consigo o estigma de local mais perigoso do bairro” (ROSA, 2016), contrastando com a imagem da Avenida Principal ou Avenida 17 de Abril, caracterizada pela presença de comércios e serviços acessados também por moradores de outros bairros. Atualmente a Vila Comtel vive em condições melhores, especialmente com relação ao saneamento básico e acesso a serviços, porém, junto com outras vilas que compõem o bairro, ainda carrega a “fama” de área de maior insegurança no bairro.

Outra característica importante do bairro é a divisão dos “setores” e “blocos” que o compõem. O bairro está dividido em sete setores (1, 2, 3, 4A, 4B, 5 e 6). A divisão do bairro em

setores causa efeito semelhante ao da existência de vilas mais novas e em condições mais precárias no interior do bairro. Assim, pode-se notar a existência de uma série de “territórios” no interior do Guajuviras.

As diferenças e desigualdades existentes no interior do bairro são sentidas pelos moradores. As falas dos jovens entrevistados ilustram esta percepção. De acordo com a jovem Isabela<sup>3</sup>, que participou do Protejo, da Casa das Juventudes e trabalhou na Casa como estagiária de Ensino Médio, é possível observar a localização do Colégio Estadual Jussara Maria Polidoro como ponto de referência que delimita a área “de movimento” (parte da Avenida repleta de variedade de comércios e serviços) e a parte de “baixo” do bairro. No trânsito que Isabela e sua família fizeram pelo bairro, tendo se mudado do Setor 5 para o Setor 1, a jovem observa as diferenças que existem dentro do bairro e a imagem que este tem pra fora.

A definição de algumas áreas como mais ou menos seguras no interior do bairro possibilita, por meio de “discursos de descrédito [que] amplificam-se e aglomeram-se à sua volta” (WAQCUNANT, 2006, p. 28) a produção de uma imagem estigmatizada sobre o bairro, com maior efeito sobre as áreas consideradas mais “inseguras.” Além disso, tem-se o efeito da desunião entre os moradores, causada pelo estigma territorial produzido através de tais discursos. É notável, então, que a variedade de setores e vilas dentro do bairro é uma constante em sua história, de modo que as desigualdades foram se intensificando e se diversificando com o tempo.

### **Sobre o “território de paz” e os efeitos do estigma territorial sobre a juventude**

O crescimento populacional do bairro foi rápido, sendo o segundo mais populoso do município de Canoas. Tal crescimento, porém, não foi acompanhado de desenvolvimento social, de modo que a população ainda enfrenta diversos problemas, especialmente com relação à segurança e a violência urbana. Conforme Pesquisa de Vitimização<sup>4</sup> realizada pelo Observatório de Segurança Pública de Canoas, em 2014, a Segurança aparece como segunda principal preocupação da população, atrás da Saúde Pública. Neste mesmo ano, segundo dados do Observatório, o Guajuviras totalizou a ocorrência de 27 mortes violentas, sendo “palco” de

<sup>3</sup> Os nomes são fictícios, para preservar a identidade dos interlocutores em campo.

<sup>4</sup> Disponível em <<http://sistemas.canoas.rs.gov.br/observatorio/public/>> Acesso em: 26/05/2016

19,7% do total de mortes violentas ocorridas no município. Em 2015 o número de mortes violentas no bairro subiu para 29.

Como tem sido comum nas grandes cidades, em Canoas os jovens têm sido as principais vítimas da violência. Conforme dados do Mapa da Violência de 2013, o município está em sétima posição no ranking de homicídios da população jovem no estado do Rio Grande do Sul. No ano de 2009, o município totalizou 42 homicídios de jovens entre 15 e 24 anos de idade<sup>5</sup>. Destes, sete ocorreram no bairro Guajuviras nos primeiros oito meses do ano<sup>6</sup>.

De modo simultâneo ao aumento nos casos de violência no bairro Guajuviras, tem-se um fenômeno significativo e amplamente reconhecido: “a expansão e generalização de um sentimento de insegurança e medo diante de uma suposta escalada da violência na sociedade contemporânea” (DAMICO, 2011, p. 17). A presença constante do tema da violência em manchetes nos diferentes meios midiáticos reforça esse sentimento. Rosa (2016) coletou 28 notícias veiculadas sobre o bairro Guajuviras em jornais de circulação regional e municipal no período de 2007 a 2012. Nessas, o bairro é estigmatizado enquanto cenário de casos bárbaros – assassinatos, sequestros, perseguição policial – e que por isso precisaria de “controle”. Observando as notícias, os dados referentes à violência no bairro e as falas dos jovens entrevistados, pode-se dizer que os jovens, especialmente aqueles considerados “vulneráveis” pelas políticas públicas ou (e especialmente) aqueles que estejam “em conflito com a lei”, seriam considerados os principais responsáveis pela “fama” do bairro.

Além da “fama” do bairro e da preocupação dos moradores, os “discursos de descrédito” (WAQCUNANT, 2006) produzidos em torno da violência têm sido justificativa para a criação de importantes projetos sociais com foco na diminuição dos índices de homicídios. Nesse sentido, no ano de 2009 o município de Canoas passa a sediar diversos programas sociais ancorados no Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci) por meio de convênio entre a Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça e a Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania. Com encerramento do repasse de verbas do Pronasci ao município e permanência nos índices de violência envolvendo a

---

<sup>5</sup> Conforme Mapa da Violência 2013. Disponível em <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013\\_homicidios\\_juventude.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf)> Acesso em: 01/06/2016

<sup>6</sup> Conforme Dados do relatório “3 anos do Território de Paz Guajuviras”, elaborado pelo Observatório de Segurança Pública de Canoas (2012). Disponível em <<http://www.forumseguranca.org.br/publicacao/dados-sobre-os-3-anos-do-territorio-de-paz-guajuviras>> Acesso em: 01/06/2016

população jovem do bairro, a Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania dá continuidade ao projeto Casa das Juventudes, com algumas importantes alterações.

### **O bairro Guajuviras desde a visão dos jovens**

Boa parte dos jovens moradores do bairro Guajuviras tem convivido, nos últimos anos, com a presença de projetos sociais na área da segurança pública, bem como com diversas situações de violência. São dois fenômenos entrelaçados que os envolvem diretamente, sendo fatores constitutivos e marcantes em suas identidades. Tratando-se dos jovens que participam atualmente ou tenham participado dos projetos realizados na Casa da Juventude, em especial pelos critérios de vulnerabilidade condicionantes à sua entrada na Casa, supomos que esse fenômeno se acentue.

Viver em bairros marcados pelo estigma afeta seus moradores “de maneira importante e diferente, dependendo, obviamente, da etapa de vida em que esses indivíduos se encontram” (GADEA, 2015, p. 17). Dessa forma, podemos observar que alguns fatores comuns à juventude – “transitoriedade, disposição a assumir riscos, sociabilidades intensas e etapa de definição de identidades” (GADEA, 2015, p. 17) – apontam modos comuns de se relacionar e se afetar ao bairro.

Nesse sentido, pela importância que o território ganha enquanto marcador identitário, especialmente aos jovens, propomos pensar as “trajetórias cruzadas”. Pensando o bairro como um “ator”, como sugere Santos (2016) entre as relações que se estabelecem entre este e os jovens. O Guajuviras, nessa perspectiva, é pensado como um “ator não humano”, considerando sua “gestação” quando do planejamento da ocupação e sua posterior materialidade. Dessa forma, Santos (2016, p.97) afirma que “é admissível pensarmos o Guajuviras enquanto um ator não humano, diametralmente conectado e em sucessiva mobilidade e ação, produzindo performances de múltiplas realidades que interagem com os moradores.”

Temos, então, o encontro da “transitoriedade” juvenil com a “sucessiva mobilidade” do bairro Guajuviras. Desse encontro temos jovens que carregam o bairro consigo, como algo positivo ou não, e que constroem o bairro em suas práticas, atravessadas ainda pela vivência na Casa da Juventude. Ou seja, podemos dizer que este encontro produz trajetórias que se mesclam e se complementam entre si. O primeiro encontro dos jovens, no lugar de moradores, com o bairro Guajuviras, marca o início dessa relação. É quando experimentam o que é viver

no bairro e serem vistos como jovens moradores. A partir das entrevistas, observamos que entre os jovens que não nasceram no bairro há a percepção deste encontro como um momento de importantes mudanças em suas vidas, em que ocorre inclusive mudança de visão sobre o bairro. Entre os que nasceram no bairro, há a memória compartilhada na família da experiência da “invasão” do bairro.

O jovem Everton integra o primeiro exemplo. Em 2009, sua mãe, seus irmãos e ele mudam-se do bairro Mathias Velho, em Canoas, para a vila Comtel no bairro Guajuviras. Sua mudança ocorre após a morte de dois irmãos que, conforme seu relato na entrevista, tinham envolvimento com o tráfico de drogas no bairro. O desejo de mudança partiu da mãe, como estratégia para afastar os outros filhos do que ocorria no bairro, como meio de protegê-los.

S: – Como que tu veio morar aqui?

E: – Vim da Mathias, que meu irmão faleceu lá, daí minha mãe não gosto mais de morar lá e veio pra cá.

S: – E esse falecimento deles tem alguma coisa a ver com...

E: – Tráfico. Sim.

S: – E como é que foi pra ti isso? Tu era bem novo né?

E: – Eu era pequeno, eu era novo, nem entendia muito... nem prestei muita... (não completa a frase)

S: – Tu acha muita diferença da Guajuviras pra Mathias?

E: – Aqui é, acho que mais, um pouco mais tranquilo, acho, que lá

S: – Mais tranquilo nessa questão...?

E: – Sim.

S: Uhum. E tu teve outros irmãos que tiveram algum tipo de envolvimento assim depois, ou outra pessoa da família?

E: – Não. Só um irmão meu que agora tá preso. Ele é, começou a assaltar.

S: – Já aqui no Guaju?

E: – Aham. Por causa das amizade

Como representante do segundo exemplo, temos a experiência de Liane, atual Educadora Social da Casa da Juventude e “ex-jovem” do Projeto. Liane tem 24 anos e mora no Guajuviras desde que nasceu, tendo um vínculo muito forte com o bairro, apesar de reconhecer alguns “problemas” nele. Além da Casa da Juventude, Liane também participa de atividades com grupo de jovens de uma igreja do bairro, tendo a música e o Hip Hop sempre presente em suas atividades.

S: – Tu mora aqui desde...?

L: – Desde que nasci. É sempre morei aqui, minha mãe veio pra cá quando meu irmão nasceu, meu irmão nasceu em fevereiro bem no ano do Guajuviras ter sido invadido. Vinte e nove anos, eu tenho vinte e quatro então nasci aqui. (...)A minha família veio na época da invasão, que invadiram aqui, mas já tinha passado algum tempo, aí minha tia pegou uma casa da COHAB mesmo aqui né, mas lá do outro lado, e a minha mãe também tinha pegado na época, mas

meu pai morava lá e voltava da Mathias, aí eles ficaram um tempo aqui e depois voltaram pra Mathias. E os meus parentes que moravam lá pra baixo, lá no fundão do Guajuviras, aí minha mãe veio pra cá, mas ia e voltava, depois ela ficou.

Os jovens chegam ao bairro e a Casa da Juventude em momentos diferentes, apropriando-se dele de diferentes formas. Os vínculos que se formam são distintos. Em comum, temos um constante trânsito entre os bairros Mathias Velho e Guajuviras, sendo que em ambos os casos é notável uma relação mais próxima e até afetiva com o bairro Guajuviras. No caso de Everton, quando fala da impressão de que no Guajuviras “é mais tranquilo” em comparação com a Mathias, valora seu bairro como mais seguro, sabendo que esta questão é cara aos dois bairros. A aproximação entre os bairros, no sentido de terem histórias e características em comum também é um ponto interessante. Como vemos na narrativa de Everton, em ambos os bairros ocorrem envolvimento de familiares em situações de violência; No caso de Liane, é provável que também a casa que seu pai vivia na Mathias Velho seja fruto de ocupação, visto que este bairro também se formou assim.

Além disso, o fato de terem participado da Casa da Juventude aponta outras características em comum, aquelas relacionadas aos condicionantes para frequentar o projeto. Os critérios que possibilitaram a participação de Liane não são conhecidos, é comum que em casos em que não há cumprimento de Medida Socioeducativa, critério que fica evidente ao jovem, os jovens não saibam por quais foram selecionados a participar. Não cabe aqui especular quais foram os critérios levados em conta para a participação de Liane no Protejo, apenas interessa observar essa caracterização enquanto jovem “em situação de vulnerabilidade” como ponto em comum entre eles, embora Liane supostamente já tenha saído dessa situação. Suas trajetórias se encontram justamente nos dois fenômenos correntes no bairro Guajuviras: Enquanto Everton pode representar o “jovem em situação de risco” que se envolve com o crime no bairro, Liane, enquanto educadora, representa as políticas e projetos criados como meio de prevenir ou reeducar jovens como Everton, e como ela mesma já foi.

Como terceiro exemplo, temos o caso de Isabela que se mudou do bairro Rio Branco para o Guajuviras. Jovem de 16 anos que participou do Protejo e hoje trabalha como estagiária na Casa da Juventude, na recepção. Além de referir às diferenças entre os bairros Rio Branco e Guajuviras e o que motivou sua mudança, Isabela já conhecia a “fama do bairro” antes de se mudar. Em seu caso, a mudança para o Guajuviras, um bairro que já conhecia e temia a fama, é marcada pela separação dos pais. Apesar disso tudo, a experiência de viver no Guajuviras a fez

mudar de opinião.

As falas de Isabela, principalmente com relação à visão que tinha do bairro antes de se mudar definitivamente, desvelam a questão do estigma territorial. Em sua percepção, viver no Guajuviras seria extremamente arriscado, quase impossível, visão que mudou de maneira quase extrema após passar a viver no bairro. Podemos pensar que, uma vez que a jovem passa a conhecer o Guajuviras “de perto e de dentro” passando a ser possível alvo do estigma de morar em um bairro de periferia, há uma virada não só na forma de enxergar o bairro, mas de se enxergar dentro dele, enquanto jovem moradora. Atestar que sua visão mudou após conhecer o bairro é outra forma de dizer que, quem não o conhece o teme e diz coisas que não seriam verdade por não conhecê-lo. Expressar que o bairro não é o que o estigma representa é transparecer uma tentativa de escapar ao estigma, mostrando-se diferente daqueles que são seu alvo corrente. Quando conversamos sobre o que ela menos gostava no Guajuviras, sua insatisfação com a fama do bairro, a qual já conhecia e acreditava antes de se tornar uma moradora, ganha destaque:

I: – O que eu menos gosto, não só aqui mas em todo lugar, só que aqui é conhecido mais, é por causa, é falta de segurança. Não digo falta de segurança, mas sim porque tem bastante assalto e aí Guajuviras é conhecido como um bairro, como é que eu posso dizer? (faz uma breve pausa para pensar) Tu fala que tu mora no Guajuviras já é “noossa meu deus, ela mora no Guajuviras e nunca foi assaltada” (rimos) aí isso é bem ruim.

S: E tu já sofreu alguma situação assim... Como é que é pra ti, sair do Guajuviras e se apresentar como alguém que é daqui?

I: AH! É complicado... Muito complicado! Porque não só de chegar nos meus amigo e falar ah, por exemplo, quem mora lá na Rio Branco, aí hoje eu vou conversar e “ah onde é que tu tá morando” e eu “ah, no Guajuviras” “aai, tu tá morando no Guajuviras? Porque tu saiu daqui pra se mudar prum bairro tão pior e violento e” aí, ah, isso é terrível! Falar que tu mora o Guajuviras... ainda mais uma pessoa que não é da cidade, tipo quem é da cidade até é “ai, tá Guajuviras até não é tanto assim” mas se tu for falar com uma pessoa que mora em sei lá, São Leopoldo, nunca que a pessoa vai querer vim pra cá! “ah! aparece aqui em casa?” “Não!” A pessoa não vai querer vim por causa da fama do bairro, de ser um bairro muito violento.

Entre aqueles que moram em outras cidades e não conhecem o bairro, o medo seria tamanho que mesmo uma visita seria negada. “Fala que tu mora no Guajuviras” parece ser uma experiência ainda pior do que ter familiares vítimas de assalto, visto que no primeiro caso o estigma e o preconceito daqueles que conhecem o bairro pelos jornais pode impossibilitar ou atrapalhar seu trânsito e contato com pessoas de outros lugares, impactando em algo caro, especialmente a juventude: conhecer novos lugares, novas pessoas, ser visto e respeitado.

A “fama” do bairro enquanto “bairro de periferia” – pobre, violento, perigoso – afeta a todos os jovens, de modo que estes constroem diferentes estratégias de escapar a essa marca. Interessante notar que, em nenhum dos jovens entrevistados, o fato de ter que enfrentar o estigma produz uma visão negativa sobre o bairro. O caso de Isabela, que não quer se mudar do Guajuviras, se repete em todos os demais. Entretanto, o mecanismo encontrado pelos jovens para enfrentar a “má fama” do bairro e tentar se diferenciar do estereótipo negativo de morador do bairro, tem sido o que Waquant (2006) conceitua como “transferência do estigma”. Conforme o autor, tal prática resultaria como principal efeito do estigma territorial, que

estimula práticas de diferenciação e distanciamento social interno que acabam diminuindo a confiança entre as pessoas e minando a solidariedade social no plano local. Para recuperar alguma dignidade e reafirmar a legitimidade de sua própria condição aos olhos da sociedade, os moradores da *cit*<sup>7</sup> e do gueto<sup>7</sup> no mais das vezes exageram seu valor moral como indivíduos (ou como membros da família), assim assumindo o discurso dominante que denuncia os que “se aproveitam” imerecidamente dos programas de assistência social, os “falsos pobres” e os que enganam os órgãos de bem-estar social para receber benefícios desonestamente. É como se a sua própria valorização dependesse necessariamente da desvalorização do bairro e dos vizinhos (WAQUANT, 2001, p.148. Grifos nossos)

De modo semelhante à Isabela, a “transferência” feita pela Educadora Liane também é realizada com relação a moradores do bairro, porém, direcionada àqueles que tenham envolvimento com “as mortes” que tem ocorrido no bairro. Sobre o que ela menos gosta no bairro, tivemos o seguinte diálogo:

L: – Atualmente o que eu menos gosto é das morte, porque pra mim é muito, é demais meu, é demais, é gritante, mas... também é a vida. Claro, a metade das pessoas que eu vejo morrer aqui no bairro não são em vão, não que ah, que tem os guri que morre e os guri falam que “eram peso na terra”. Claro, eu não sei o que que a pessoa faz, mas muitas pessoas diz que “ai essas pessoas eram tri ruim”, então o olhar que eu vejo de fora, entendeu, claro, porque não sou parente, não sou família nem nada, que muita gente que tá morrendo são as pessoa que são envolvida, então... Mas ainda continua sendo chato porque qualquer lugar que tu vai tá disposto a ter um tiroteio porque pode ter alguém no meio, pode ter alguém ali que alguém queira matar.

A fala de Liane de que “porque não sou parente, não sou família nem nada”, também sugere que tais mortes não são sentidas como perdas de familiares, mas daqueles que “se envolveram” com a criminalidade no bairro e, por isso, são responsáveis pela imagem negativa

---

<sup>7</sup> Em seu estudo, o sociólogo francês realizou pesquisa de campo no gueto norte-americano e em bairros de periferia na França, as *cités*.

que assola o bairro e seus moradores. Não perceber o vizinho enquanto um “membro da família” remete a uma visão do bairro, diferenciando-o de uma família, ou seja, denuncia a ausência de laços afetivos, ao menos com aqueles que se diz que “tem envolvimento”. Assim, o enfraquecimento do sentimento de vínculos familiares entre os moradores, especialmente a exclusão daqueles que causariam sua fama negativa, surge como

a outra face desse processo de estigmatização territorial, é a dissolução do “sítio” (no sentido de lugar), ou seja, a perda de um quadro humanizado, culturalmente familiar e socialmente peneirado, com qual as populações urbanas marginalizadas se identifiquem e no seio do qual se sintam “entre si” e em relativa segurança (WAQCQUANT, 2006, p.30).

O processo de “dissolução social do lugar”, como descrito por Waqquant, remete a outro fenômeno que pode ser observado atualmente no Guajuviras. Trata-se da transformação de gueto a hipergueto. Com base nas pesquisas feitas pelo sociólogo nos guetos norte-americanos, desenvolveu o tipo ideal de gueto, ou seja,

uma formação socioespacial delimitada, racial e/ou culturalmente uniforme, baseada no banimento forçado de uma população negativamente tipificada (...) um território reservado no qual essa população desenvolve um conjunto de instituições específicas que operam ao mesmo tempo como substituto das instituições dominantes da sociedade abrangente e como neutralizador contra elas (WAQCQUANT, 2001, p. 148).

Este “tipo ideal” caberia a realidade dos guetos negros norte-americanos da década 1950 e 60, não sendo visualizado atualmente. Naquele, haveria forte coesão social e fortes vínculos comunitários entre os moradores, vizinhos. Além disso, tratando-se do gueto norte-americano, a exclusão e união pela raça é fator de suma importância, uma vez que se torna obstáculo mais grave para o acesso ao exterior do gueto pelos moradores. Entre os que permanecem no gueto com a dificuldade de se recolocar no mercado de trabalho formal e o apoio previdencial inadequado, é comum a busca de estratégias de sobrevivência que são, fundamentalmente, informais e/ou ilegais.

Nesse sentido, a passagem de um modelo a outro, de gueto a hipergueto, caracteriza-se especialmente pela perda da coesão social, que pode ser observada, por exemplo, com o surgimento da prática de roubo intragueto bem como a citada transferência do estigma internamente. A prática do roubo intragueto ocorreria enquanto estratégia de sobrevivência, uma vez que o trânsito dos moradores do gueto em seu exterior se torna cada vez mais difícil, dado o aumento do estigma territorial.

De certa forma, então, a prática da transferência do estigma e o enfraquecimento da

coesão social, que já não é encarado como “uma família”, aproxima o Guajuviras a um modelo de hipergueto. Também o medo e sentimento de insegurança, bem como a formação de pequenos territórios no interior do bairro marcam esse processo, especialmente se considerado o estigma que estes territórios sofrem e o fato de serem controlados por pequenos grupos ligados a práticas criminosas.

Algumas vilas e setores do bairro parecem carregar em si o peso dobrado do estigma territorial do bairro Guajuviras. A vila Comtel, por exemplo, fortemente presente nos noticiários, é também presente nas falas dos jovens entrevistados. É interessante observar, porém, que, com relação a esta vila, talvez a mais famosa fora do bairro, há posicionamentos distintos conforme quem fala. De fato, o que ocorre é semelhante às falas destinadas ao bairro, porém, direcionadas especialmente a uma parte dele. Temos a fala do jovem Marcos, quando lhe pergunto sobre o que mais gosta no bairro:

M: – No Guajuviras? De participar do grupo jovem da igreja. Também de vim na Casa da Juventude, e também que é um bairro que todo mundo fala que é perigoso e coisa mas onde eu moro é na Avenida Principal então não acontece que nem nas outras parte do Guajuviras.

S: – Tu mora mais na Avenida né?

M: – É, não moro nesse bairro violento como a Comtel, esses bairro mais violento. Aqui as vez acontece tiro, mas não é sempre né?

S: – Tem uma diferença dentro do Guajuviras mesmo, tu acha?

M: – É, é, dentro do Guajuviras.

S: – Porque tu acha que tem essa diferença? Da AV Central, pra Comtel, pro Setor tal

M: – porque as outras partes são comandadas por gangues, grupos, a Principal não, a Principal circula todo mundo, passa ônibus, basicamente isso.

Mais uma vez temos uma comparação direta entre a Avenida Principal do bairro (Av. 17 de Abril) e outras zonas, aqui em especial a vila Comtel. Em sua fala, a Vila é referenciada como um outro bairro, como se não fizesse parte do Guajuviras. De forma um tanto paradoxal, o jovem transmite à Vila Comtel o mesmo tratamento comumente dado ao bairro Guajuviras. Marcos, porém, identifica em sua fala o que causaria as diferenças entre os setores e vilas do bairro: O domínio de alguns destes por gangues. Sob a perspectiva de quem mora na Comtel, temos as falas do jovem Everton sobre o que mais gosta no Guajuviras:

E: – O que mais gosto?... Acho que a vila que eu moro. Acho. Comtel. Acho tranquilo assim, acho que melhor que mora lá na Avenida, acho

S: – É? Porque?

E: – Não sei... porque lá todo mundo se respeita, todo mundo é igual sabe, ninguém quer ser um mais que outro.

S: – Mas a Comtel tem uma fama (E: Sim) de ser mais perigosa né?

E: – É porque as pessoa não conhece, mas quem mora lá dentro sabe como é que é (S: Aham) Todo mundo acha que é terror sabe, mas quando vai lá gosta.

S: – Que que tem lá de legal pra fazer?

E: – Tem o campinho nosso, tem a pracinha, a gente joga bola todo dia quase. Tem várias coisa.

S: – E que que tu acha assim dessa diferença de lugares aqui no Guajuviras, tipo a diferença da Contel pra Avenida, pro setor não sei qual e não sei qual... Como é que tu vê isso, que que tu acha disso?

E: – É que eles falam que tem Setor 1, tem... mas acho que é tudo igual...

S: – Se dão bem, (E: Não ) entre si?

E: – Tem uns que são lá de baixo que não vem pra cá, os que são daqui que não vão pra lá.

S: – E porque tu acha que tem isso?

E: – Por causa do tráfico.

S: – Disputa pelo tráfico então?

E: – É, território né? Um quer mandar num pedaço e outro quer mandar no outro, daí por isso que não vão pro lado do outro.

Assim, a fala de Everton, se assemelha a de outros entrevistados, porém, de forma específica com relação à vila Contel. Sua fala remete a uma relação mais intensa com o local de moradia que os outros jovens, de modo que a crítica a fama de sua vila aparece como algo secundário, somente quando pergunto a respeito. Além disso, descreve vários pontos positivos da vila, sempre se colocando como parte dela: “tem o campinho nosso, tem a pracinha, a gente joga bola todo dia quase. Tem várias coisa.” Se sentir parte integrante, pertencente a vila aparece então como fator que fortalece esse sentimento pela vila. Quando lhe pergunto sobre alguma situação em que tenha sofrido preconceito por morar no Guajuviras, responde:

E: – Se falar que é da Contel, bah. Se falar que é do Guaju já acham que é que tu é bandido.

S: – E se falar que é da Contel?

E: – Piorou!

S: – E como é que é pra ti daí essas situações?

E: – Eu acho que é... Eles penso isso, mas é, todo mundo sabe que não é né? Todo mundo sabe. Quem mora ali sabe que não é né.

Entretanto, em paralelo às suas falas sobre pontos positivos da vila Contel, há a descrição das disputas por território no bairro, além do preconceito redobrado por ser morador da Contel.

A disputa territorial no interior do bairro Guajuviras é, então, uma das características que possibilita considerá-lo enquanto hipergueto. Como vemos na fala da educadora Liane, a seguir, as “brigas entre setores” ganharam novas características contemporaneamente. Comparando sua experiência de ter conhecido uma favela paulista com a vivência no bairro Guajuviras, responde o que considera hoje o principal problema do Guajuviras:

L: – São as briga, as briga entre setor, é maior problema do bairro. Acho que assim ó, uma coisa que aprendi e é muito forte: Quando fui na favela, o pessoal da favela todo mundo se conhecia, e o pessoal da favela por mais que tinha os nória, os traficante, tudo, mas uma lei era muito forte que eles não podia assaltar nem roubar dentro do próprio bairro, e hoje em dia uma pessoa em cada Setor tão se matando só porque falam que é setor diferente, mas é o mesmo bairro, mesmo lugar, eles moro no mesmo buraco e fico se matando, e as vez nosso próprio vizinho pode nos assaltar, e isso não acontece nas favelas. Então isso, essas briga de Setor, de vizinho e briga por trafico de droga que é muito forte, isso é muito ruim, isso é chato.

S: – O que tu acha que formou essa divisão entre os setores?

L: – A piizada nova. Que antigamente os mais velhos tinha, cada um tinha um setor, mas todo mundo se respeitava. Os grandão não se matavam entre eles e não mandavam pequenininho se matar, tipo os peixe menor né. Eles faziam todo o rolo deles mas fazia fora do bairro, não fazia dentro do bairro. Claro, muitas pessoa não se lembram, eu me lembro porque já tenho uma idade, mas antigamente era totalmente diferente, claro, tinha assalto, mas assaltavo cara que não era da banda, os cara já descobriam já ia atrás e pegavo as coisa de volta.

Considerando as falas de Liane e a existência de práticas solidárias no período de ocupação do bairro, temos que as disputas internas ao território são fenômeno relativamente novo. A divisão do bairro em setores e vilas, comandadas por diferentes grupos, não é novidade, como vemos. A “novidade” está no fato de esses grupos cometerem assassinatos e outros crimes dentro do bairro, intragueto, ao contrário de servir como “proteção” aos moradores, como faziam “na antiga”. Lembrando uma “recomendação” de Waquant (2006), é importante não “romantizarmos” o gueto, como se tivesse havido período em que a vida no gueto “tenha sido doce e as relações sociais harmoniosas e desafogadas” (p. 31). Em outro momento, a própria Liane refere que o período atual do bairro está se assemelhando ao “tempo das antigas”, quando “todo mundo se matava porque ninguém se conhecia, ninguém se respeitava”

A desunião atual dos moradores e o medo de viver no bairro se produzem em suas falas como efeitos destes processos. Há dois casos, porém, em que o tom e conteúdo das falas mudam. Tratam-se das entrevistas dos jovens Everton e Leonardo. Como vimos, Everton refere o tráfico de drogas e consequente disputa territorial como principais problemas no bairro. A princípio, suas respostas não diferem dos colegas, porém, observando a relação que estabelece entre o tráfico e as ações da polícia no bairro, temos uma percepção que transfere o estigma para uma instituição externa ao Guajuviras. Pergunto o que menos gosta no bairro, e temos o seguinte diálogo:

E: – Da polícia

S: – Porque?

E: – Eles são... É uma facção né? Tipo nós assim, tipo nós não, tipo os traficante né? Cada um pro seu lado, e eles não gosta de nós e... os traficante não gostam deles. Eles são tipo uma raça assim né, entre eles, eles se favorecem. Tipo, eu tenho um amigo meu que, ele foi assaltar com o amigo dele, daí eles não sabiam que era um policial né, eles foram roubar o carro dum policial. Daí robaro só que daí viram que era um policial, o policial puxou a arma e matou o amigo dele e daí botou na dele, falou que foi ele matou o amigo dele. Pegou um latrocínio, foi condenado 26 anos.

S: – Tá cumprindo?

E: – Tá. Isso que tem balística né, esses negócio que da pra ver que não foi da arma dele que eles tavam, que foi a bala. Mas mesmo assim, caiu na dele, por causa que é polícia né? Um ajuda o outro daí.

Leonardo, que também cumpriu Medida Socioeducativa na Casa da Juventude, tem 17 anos e reside no Setor 4B, traz respostas semelhantes quando fala do que pra ele é o principal problema do Guajuviras:

L: -- Ah, acho que não tem o que mudar, eu acho. Não adianta eles arrumar praça, arrumar vários bagulho sendo que o cara pega... o tráfico não para, entendeu, isso ai não para nunca e se o tráfico não para as ladaia não paro, porque é por setor né, o cara que vai traficar de um lado, eu vou traficar aqui, ele já não se da comigo, eu não me dou com ele, vai continua até um matar o outro, daí não tem, acho que não tem o que arrumar.

S: -- Não tem o que fazer pra acabar com isso, tu acha?

L: -- Polícia, falaro iam botar polícia ai veio força, não mudou nada.

S: -- E o que tu acha da polícia aqui do Guajuviras?

L: -- São chinelo! Bah na real pego o cara, enxerto o cara, já enxertaro vários cupinxa meu. Só porque não gostaro da cara dos... Ou também, os cara que trafica há muito tempo, que já são grande no bagulho né, eles vão lá, pego dinheiro, na real eu sei porque eu conheço, to ligado já né.

S: -- Então tu não acha que ia ajudar o bairro ter mais policial aqui dentro?

L: -- Tá louco, ia atrasar o bairro.

A experiência dos jovens como alvo de violência policial e uma vivência mais próxima ao tráfico de drogas e aos “embolamentos” do bairro possibilitam uma outra visão com relação ao que seria seu “principal problema”. De modo geral, referem problemas ligados a violência urbana, sendo que nas falas dos jovens que cumprem Medida Socioeducativa há uma referência direta a situações de violência institucional, praticada por policiais que abusam de seu poder de autoridade por sobre os jovens. Assim, as diferentes formas de experienciar o bairro geram visões diferentes sobre o mesmo, ainda que todas, de certa forma, apontem os efeitos causados pela estigmatização do bairro Guajuviras.

Apesar de visões distintas sobre o que seria principal problema do bairro, ou, qual o alvo da transferência do estigma, as respostas quanto ao que poderia ser feito para melhorar e

reverter este problema pouco varia. De diferentes formas, há uma espécie de consenso de que nada pode ser feito, nenhuma ação que não parta desde dentro dos “embolamentos” terá sucesso. O seguinte diálogo com a educadora Liane ilustra tal questão:

L: – Acho que assim ó, na moral isso deveria vir deles, isso não vai vim porque quem ta liderando atualmente são as criança. A única coisa que poderia acontecer pra tirar eles, que seria uma coisa bem ruim, é chegar alguém mais velho e matar todo mundo e os novos chefão entrar em contato, tipo um com outro, e fechar uma negociação entre eles de paz, vamos dizer assim. É o que poderia acontecer porque a piizada hoje em dia não vai fazer isso. É difícil porque a gente não tem o que fazer, e piorou nós, que a gente que não é envolvido nem nada vai fazer o que.

A experiência de viver em um bairro que, dentre outras coisas, tem sido marcado pela violência e pelo desenvolvimento de programas que visam reverter esse quadro, embasa tais respostas. A avaliação de que somente os principais envolvidos com as situações de violência no bairro poderiam mudar essa realidade, mostra uma visão distinta sobre as políticas desenvolvidas, sugere que não somente elas são espaços políticos, mas que também os “embolamentos” e outras esferas da vida estão perpassadas por negociações políticas. A certeza de que o “tráfico não para”, que se aproxima a ideia de que a polícia é como uma facção, provém de experiências semelhantes. Em uma avaliação semelhante à de Liane, Leonardo afirma: “Por isso que digo, se pelo menos aqui fosse reunido já era, é o Guaju!”

De modo prático, apresentam uma visão ampliada da política, não restrita aos projetos ou ações da prefeitura, que, em sua leitura, não tem tido resultados ao tratar destes temas. Assim, a possibilidade de melhorias no bairro passaria por mudanças internas, vindas dos próprios moradores. Nota-se uma leitura bastante pragmática da realidade, de modo que partindo da certeza de que o tráfico não vai acabar, o fim da violência viria de ações do próprio tráfico, do fim das disputas entre os “embolamentos” por território.

### **Sociabilidade do “embolamento”**

Em associação às divisões territoriais existentes no bairro desde seu projeto enquanto Conjunto Habitacional, há a formação de pequenos grupos de jovens associados a práticas delitivas, que se apropriam das regiões internas do bairro, entrando em disputas pelo território. Tais grupos são os chamados “embolamentos”, e carregam em si o retorno de práticas de sociabilidade fortemente ligadas ao território, apresentando-se como fenômeno “hiperlocalizado”. Conforme o jovem Leonardo, que cumpriu Medida Socioeducativa na Casa

da Juventude, os “embolamentos”, podem ser definidos da seguinte forma: “Embolamento é... digamos cada setor tem um ponto de tráfico, daí os cara não se dão né”

Nas palavras do jovem, podemos pensar em pequenos grupos formados e identificados com alguma área específica do bairro (setores, quadras ou vilas) que disputam enquanto “donos” de diferentes pontos de tráfico. Ou seja, seriam grupos com objetivo específico, direcionado às práticas delitivas. Entretanto, tal objetivo aparece como um único aspecto dos “embolamentos”, não os esgotando.

Enquanto “novo” fator da violência no Guajuviras, a variedade de “embolamentos” e as disputas travadas entre eles têm impactos importantes na construção das identidades dos jovens do bairro, bem como seu trânsito no interior do mesmo. As diferentes demarcações de território dentro do bairro se tornam obstáculos para os jovens, uma vez que são formados limites simbólicos que demarcam o lugar de cada “embolamento” e que devem ser respeitados. Além disso, por vezes o fato de morar no território pertencente a tal “embolamento” é suficiente para colocar algum jovem em risco, dado que ao carregar a marca de determinado setor ou vila, pode ter seu trânsito limitado no interior do bairro.

Para fora do bairro, o trânsito dos jovens do “embolamento” demonstra possibilidade de entrar em disputa com “embolamentos” ou facções de outros bairros. Como podemos observar na fala do jovem Leonardo, os bairros de periferia de Canoas “não se dão”, ou seja, mantêm relações de disputa entre si.

S: – E tu sabe se esses “embolamentos” que tem aqui, eles tem relação com os de outros bairros, de outras cidades...

L: – Não, mas o Guaju já não se dá com Estância, Estância já não se dá com Mathias... Bah, é todas! Aqui na real é bah.!

É interessante notar que o termo “embolamento” tem sido pouco comum nas notícias veiculadas sobre o Guajuviras, sendo corrente o uso de “facções” ou mesmo “gangues” para abordar casos de violência no bairro. Desse modo, sugere que também o termo seja novo ou de uso “nativo”. Como derivado do termo, é comum ouvir afirmações de que os jovens que estão envolvidos estejam “embolados”.

De modo geral, o termo “facção” é utilizado em referência a grupos criminosos organizados e que detêm amplos territórios. Apesar de caracterizar importantes diferenças com relação aos “embolamentos”, nota-se uma suspeita corrente de que os “embolamentos” “trabalhem” para facções maiores. Em oposição, o jovem Everton nega envolvimento do “embolamento” da vila Contel com facções externas. Segundo ele, em toda a vila há apenas um

“embolamento” identificado pelo nome da vila, com resistência a entrada de facções no bairro.

E: – Não, tem, tem várias. Tem lá em baixo, tem a Contel né que não se dá com ninguém. Tem várias, tem os Bala que quer entrar pra cá, só que aqui até a polícia mesmo quando eu fui preso falou que não querem os Bala aqui, que prefere nós ali, os traficante dali, que prefere os da Contel do que os Bala. Eles mesmo falaram. Eles falaram que não querem eles aqui.

S: – E ali na Contel então tem uma outra?

E: – Sim, que é a Contel é.

S: – Ali dentro não tem diferentes?

E: – Não, não, só na volta assim, lá pra baixo, pra cá pra avenida. Mas lá dentro é uma só.

A aproximação de facções externas ao bairro aparece então como uma possibilidade, não confirmada. A fala de Everton aponta a tentativa por parte dos “Bala na Cara”, facção de Porto Alegre, de “entrar” pro Guajuviras, o que seria desinteressante até mesmo para a polícia. Dessa forma, embora o trânsito dos “embolamentos” fora do bairro apareça como algo pouco comum nas falas, não significa que estejam “desconectados” do que ocorre na região.

No Guajuviras, boa parte dos “embolamentos” traz em si o nome do setor ou vila a que pertence. É comum, por exemplo, ouvir falar “nos guris da Contel”, ou “os guri do 6” (do Setor 6). O uso da prática da pichação é comum para demarcar espaços dentro do bairro. A identificação no uso do nome demonstra relação de proximidade e afeto com aquela área. Se não há relação de pertencimento com o bairro como um todo, ou se essa está enfraquecida, com relação aos territórios internos ao bairro ela é marcante. Everton, ao falar da vila Contel, a apresenta como seu local favorito no bairro. De modo semelhante, Leonardo refere seu setor, 4B, próximo a vila Contel, como seu lugar favorito no bairro.

S: – Tem algum lugar aqui que tu goste mais?

L: – Meu Setor ali! 4B e o 5, ali que nós ficuemo.

S: – Que que tem ali pra fazer?

L: – Ah nós ficamo ali, nós jogamo uma sinuca na Contel então, bah! Ficamo na Contel jogando uma sinuca, ficamo escutando uns funk. É todo dia é isso, é a rotina!

Nesse sentido, podemos pensar nessas áreas por meio da categoria de “pedaço” como proposta por Magnani (2012). O autor propõe tal categoria para pensar os trânsitos (os “circuitos”) e inscrições que os jovens realizam nas metrópoles. O “pedaço” dos jovens da vila Contel, por exemplo, pode ser o campinho de futebol, descrito como pertencente à comunidade. Com relação ao jovem Leonardo e aos amigos com quem se encontra, o bar onde joga sinuca é seu pedaço. O que há em comum nos dois casos é a caracterização destes como pertencentes aos jovens que se transformam em referência identitária. Nesses espaços, embora

públicos, são gerados vínculos pessoais e afetivos, comumente relacionados à família e ao espaço doméstico. Assim, “pedaço” ocupa tanto o lugar da “casa” quanto da “rua”, um lugar intermediário entre estes, oferecendo experiências próprias do espaço público ao mesmo tempo em que gera laços “familiares” e de pertencimento.

Observando o comum acesso de Leonardo e seus amigos, moradores do Setor 4B, a vila Contel, sugere que as fronteiras entre um local e outro não são fixas ou, que pode existir uma aproximação entre “embolamentos”, formando as “panelinhas” referidas por Isabela. Quando falamos sobre as “brigas” que ocorrem entre os setores, a jovem questiona a “união” que existiria entre os moradores do bairro.

Olha, a população é unida, mas mais ou menos, entre parênteses assim, porque, como é que eu vou explicar isso, ai meu deus, essa parte é complicada dos setores. É porque é setor 1 que protege o setor 5, não tem é só panelinha, digamos assim, nem todo mundo é amigo, é tipo “ah todo mundo é contra mas se tiver que defender algum setor eu vou defender o setor 5 porque isso isso e isso. Todo mundo fica assim, eu não sei o porque.

De modo semelhante, o jovem Leonardo refere encontros conflituosos entre jovens “aqui de cima” e “lá de baixo”. É possível que, em alguns momentos, como para ir a uma festa no bairro, os limites territoriais do “embolamento” se ampliem, abrangendo setores e vilas vizinhas. A identificação dos “embolamentos”, dessa forma, torna-se mais complexa, visto que sua inserção territorial não é fixa. Seguindo uma forma distinta e própria de organização, a não fixação em território específico parece caracterizar os “embolamentos” e dar sentido ao termo. Além disso, existem, pelo menos, dois casos em referência a uma pessoa, supostamente o “patrão da boca” a qual o grupo estaria ligada – ou, com que estão “embolados”. É o caso “dos Cris” e “dos Thiaguinho”.

No caso dos “embolamentos” no Guajuviras, nota-se a preocupação em “marcar presença” dentro do bairro. De fato, o fenômeno dos “embolamentos” parece hiperlocalizado, ou seja, fortemente inserido nas dinâmicas da violência no bairro. Embora possam se unir entre os “lá de cima” ou “de baixo”, a circulação e inscrição fora do bairro parece incomum. Temos exemplo interessante no relato de Leonardo sobre o período em que “puxou uma FASE<sup>8</sup>”.

S: – E quando tu ta fora daqui do Guajuviras, já sentiu assim algum tipo de preconceito por ser do Guajuviras?

L: – Não, pior que não mesmo. Lá quando eu cai na FASE uns gurizão até falaro "ah os playboy do Guaju", eu não sei...

S: – Tu pode falar um pouco de como foi essa experiência tua quando teve lá

---

<sup>8</sup> Período em que estive sob regime de internação na FASE.

na FASE também?

L: – Bah na real... na real o cara aprende força de bagulho. Conheci vários embolamento também, os gurizão foram que eu não me dava aqui do Guaju que já matou um cupinxa meu, bah eu tava bah, eu ia agarrar aquele cara lá dentro mas ai eu vi que eu ia roer mais um tempo, dai eu "não, vou deixar por essas". Ai os coroa do cara também ir lá visitar o cara é foda, bah chorando aqui... eu não falava muito com meu coroa, tava tri afastadão, vivia na rua, dai quando veio depois "ah na real sabia que ia acontecer um bagulho do tipo, não sei o que, pq bah tu nem parava em casa, te chamava, tu ia almoçar ou jantar quando vê ja saltava pra rua" ta ligado? Bah era bem assim, e é ainda, é que eu não deixo ninguém na mão sabe? Várias vez aqui ó, os gurizão ia lá em casa "bah meu na real não sei quem apanhou lá em cima, vamo lá", bah eu já largava tudo, ja ia junto, sabe? Dai eles já sabia na real, só que agora to sereno. Bah já rui lá dentro quinze dia, bah o cara ta acostumado a viver na rua né, quando vê tem que pedir pra até tomar água, dai é arriada. Mas tô sereno, pra lá não volto mais!

S: – Tu conheceu bastante gente daqui mesmo lá então?

L: – Conheci. Bah! Ontem, anteontem saiu dois gurizão, esse que apanhou saiu anteontem, esse que apanhou ontem saiu anteontem do bagulho.

S: – Ah ele saiu e já veio apanhar aqui

L: – Bah não apanha dos coroa pra apanha na rua, dai é arriado. Bah, ele pegou caiu por assalto também, dai ficou quinze, era pra ficar quinze e era pra sair na audiência sexta mais dai faltou luz, ficou até segunda, roeu mais um pouco.

Membros de “embolamentos” inimigos no bairro, tornam-se “amigos” na FASE. O assassinato de um amigo de Leonardo por este outro jovem a quem refere, ilustra a ocorrência de disputas entre os grupos. A união, ou mesmo a atitude de “deixar por essas” durante a internação, ocorre enquanto estratégia para vivenciar o período de encarceramento. Entretanto, enquanto a união entre estes “embolamentos”, que ganham corpo nas figuras de Leonardo e o outro “gurizão” com quem esteve preso, ocorre de forma estratégica, a solidariedade entre os membros de um mesmo “embolamento” ou daqueles que guardam alguma aproximação. Na sequência da conversa, pouco após ironizar o fato deste jovem ter apanhado no bairro logo que saiu da FASE, lamenta o fato de um grupo de amigos seus ter apanhado quando foi “lá pra baixo”.

S: – E já aconteceu contigo de ta num setor que não é o teu e te sentir em perigo?

L: – Ah é que na real antes eu também era meio que envolvido, eu tirava pelo setor aqui de cima também, ta ligado? Ai nós não se pechava, ai nem desço lá embaixo. Ontem mesmo, bah! Um cupinxa meu desceu lá embaixo quebraro ele, fiquei sabendo ontem, vou até descer ali depois ver como é que tá os guri. Viero de 12 pegar os guri. É na real pegaro e engatilharo na cara deles ai eles não podiam fazer nada né, só apanhar. Tão todo lanhado, fiquei sabendo.

Assim, podemos notar que há um cuidado entre os jovens que fazem parte de um

mesmo “embolamento”, visto na disposição de Leonardo em “saltar” de casa para defender amigos que estejam precisando dele na rua. Há, então, entre membros do mesmo grupo, forte coesão e proteção mútua. Defender um membro é defender ao grupo, conseqüente, defender a si mesmo.

Além disso, as disputas internas e dificuldade de trânsito fora do bairro tornam-se obstáculo também para o acesso às festas e áreas de lazer fora do bairro, de modo que tem sido comum a organização de festas nas casas de jovens moradores, a “social”. Também a festa traz diversas marcas destes fenômenos.

### A “social”

Aos jovens do Guajuviras, Canoas não oferece opções para festas. É então no cenário do bairro que os próprios jovens organizam suas festas, a chamada “social”, realizada em garagens, organizada e divulgada na página do evento no Facebook. Além de garantir espaço de lazer e encontros para os jovens do bairro, sem a mediação de políticas como a Casa da Juventude ou pela escola, a “social” reforça os vínculos dos jovens com o bairro. De fato, somente o som da festa é localizado na garagem, como forma de não causar incômodo a vizinhança, conforme a festa vai crescendo vai invadindo e ocupando o espaço da rua.

Tais informações sobre a “social” são trazidas pelo jovem Leonardo durante a entrevista. Sua participação no universo do funk é conhecida no bairro, sendo o que fez iniciar esse assunto com ele. O jovem inicia falando de como tem sido difícil fazer festas no bairro, que tendem a terminar em “ladaia”.

L: – Festa não (ri) bah qualquer festa que tem é ladaia! Bah! Aqui não pra fazer bailezinho, social...

S: – Como é que é a social aqui?

L: – Ah, o cara divulga no face, daí pra todos cupinxa do cara, daí já manda os outros divulga junto e bota o som numa baía, manda cada um trazer o seu kit, as vez os cara mesmo se junta ta ligado, bota os kit ali e bota o som! E vai até a policia chegar ou der ladaia! (rimos)

A “ladaia” pode ser tanto o encontro de “embolamentos” inimigos, quanto a chegada da polícia. Assim, a possibilidade da “ladaia” já é esperada como algo que compõe a social. A violência, nesse caso, materializada na ocorrência da “ladaia”, torna-se parte do espetáculo que compõe o caráter permissivo das festas em geral.

Para quem sedia a “social” dispensando o espaço de sua casa, o lucro sequer aparece enquanto objetivo. O ingresso é o kit – cada um leva uma bebida. O dono da casa, em alguns casos, precisa de um preparo anterior à festa, quando da negociação com a família. Leonardo,

por exemplo, filho de pais religiosos, nunca fez “social” em sua casa.

L: – É, ninguém paga nada, se não trazer kit e não beber é só entrar.

S: – Ah, pode entrar sem trazer nada também?

L: – Sim, as vezes o cara ta quebrado também né. O cara já não, nem cobra nada. Fazer Social e cobrar no Guaju é arriada né!

S: – E como é que fica dai pro dono da casa?

L: – É, por isso que depende... Que bah la na baia já ia ser estranho de fazer, meus coroa são da igreja e pa, dai eu não faço dai, uns cupinxá meu, tem um que mora até sozinho, sozinho não mora ca vó dele mas tem a parte dele, tá ligado, que a coroa dele morreu. Dai a gente faz lá, a gente faz na casa dos outros ...

S: – E costuma dar problema?

L: – Na nossa na real não, mas nossa nós fizemo só algumas, tá ligado. Só que esses tempos teve uma lá em baixo, dai uns cupinxá meu daqui de cima descero e deu uma ladaia lá. Os guris aqui dero uns tiro neles lá e bah foi estranho.

S: – E costuma dar polícia, coisa?

L: – Ah, polícia sempre passa, normal, só que as vez não paro. Na real sempre quando nós faz, dai o cara já avisa os vizinho né, dai eles não falo nada, não denuncio, dai não tem porque eles parar.

S: – Mas os vizinho não se incomodam?

L: – Não. É que não é todo dia, sabe? Não é todo fim de semana, é de vez em quando.

S: – Não acontece de vir um vizinho lá, pedir pra parar, essas coisas?

L: – Difícil. E se pedir o cara baixa ali, não da nada, já era.

O sentimento de pertença e reconhecimento são reforçados na festa, aberta a qualquer jovem que queira participar, indiferente a condição de arcar com o ingresso e mesmo a sua idade. A solidariedade entre os jovens em um espaço que visa o lazer, os encontros e o prazer de “estar junto à toa” ressignifica o bairro. Em sentido oposto ao imposto pelo estigma territorial, a social é momento de valoração positiva do Guajuviras.

Além da negociação com as famílias, também é preciso negociar com os vizinhos. O aviso à vizinhança sobre a realização da festa é um meio de evitar problemas como a denúncia à polícia. Dessa forma, também o respeito mútuo entre os vizinhos aparece como fator importante, essencial para evitar que a social acabe em “ladaia”.

Sobre a ocorrência de brigas entre “embolamentos” “lá de baixo” com os “daqui de cima”, parece ser passível de ser evitado, conforme a fala de Leonardo. Quando fala da “social” organizada por seus amigos “aqui de cima”, deixa evidente que desde a divulgação é anunciado que “nós não tamo pela ladaia”. De outra forma, os “embolamentos” que buscam evitar as brigas colocam-se ao lado dos moradores, evitando o que causaria a fama de bairro violento. Mais uma vez, temos a transferência do estigma como prática, meio de apontar

“embolamentos” inimigos como responsáveis por reforçar uma imagem negativa do bairro.

L: – Nah, na real vem quem quiser, a gente sempre bota na real que não tamo pela ladaia. Na real esses tempo nós fizemo uma ai chegou todos os gurizão lá que não se davó, bah viero em peso também, bah. Quando vi ja ia chegando, dai chegou os guri dai de cima, eles achou que ia ta só os guri do 5 ali ta ligado, ai já desceu os guri da Contel, Setor 1, bah tudo armado. Na verdade os gurizão já chegaro. Os gurizão chegaro lá de baixo, cumprimentaro todo mundo, ficaro no canto deles, não deu uma ladaia.

É notável que também a “social” é afetada pelo processo de hiperguetização do Guajuviras, uma vez que pode tornar-se palco de disputas entre os “embolamentos”. Também a realização das festas ocorre em territórios pertencentes aos “embolamentos”, de modo a se transformar em outra forma de disputa – quem oferece a melhor social. Contudo, a negociação com a vizinhança ocorre em oposição e este fenômeno. A hiperlocalização dos “embolamentos” aparece com relação a ambos: Tanto como tentativa de oposição ao estigma por meio do reforço dos laços sociais, quanto derivado deste processo. Trata-se, de certa forma, de tentativa de “ganhar visibilidade” nas dinâmicas do próprio bairro, ressignificando-o positivamente. A social, dessa forma, torna-se importante cenário para a sociabilidade do “embolamento”. Por fora da lógica das políticas de segurança pública, por meio de intensa valorização do “estar junto à toa”, produz espaços de encontro e sociabilidade.

### “Disposição” para morar no Guajuviras

Quando conversava com a educadora social Liane, durante a entrevista, ela me falava sobre como foi sua chegada ao bairro Guajuviras. Ela me conta, então, que sua família mora no bairro desde o período da ocupação, tendo algumas idas e vindas ao bairro Mathias Velho. Peço então que, com base em sua experiência, ela compare os dois bairros, considerados os mais violentos do município. De forma direta, na praça ao lado da Casa da Juventude, Liane responde:

Acho que nada, mesma coisa que tem aqui tem lá. Os dois lugar são bom pra morar a partir do dia que tu tá disposto a morar, querer aprender né, conhecer o bairro em si. O Guajuviras e a Mathias pra mim, qualquer bairro, mesma coisa.

Apesar de ser ainda muito nova no período que viveu no bairro Mathias Velho, ela diz ter algumas lembranças. Além disso, conhece a “fama” que ambos os bairros têm. Os dois “territórios de paz” do município têm histórias semelhantes e que se cruzam, sendo os que com mais frequência aparecem nos jornais regionais. Sua avaliação de que é necessário ter

“disposição” para viver no Guajuviras, mais uma vez não nega a existência de alguns problemas ou dificuldades enfrentadas pelos moradores, de fato se produz como espécie de estratégia de driblar as dificuldades que apareçam e aproveitar a experiência de viver no bairro, com tudo o que ele possa oferecer de positivo.

É o caráter da experiência de viver e conhecer o bairro nas práticas do cotidiano, na variedade de relações que ocorrem, na vivência e nos encontros, que é valorizado pela educadora em sua fala. Ter disposição para morar no bairro é, de certa forma, ter disposição para viver o bairro, sem as amarras e medos postos pelas notícias e pelos casos de violência que ocorrem.

Peço que Liane me explique “o que é estar disposto a morar no Guajuviras”:

Disposto a morar, pra mim, é tipo, eu moro aqui no Guajuviras, eu não fico só trancada em casa, entendeu? Olhando televisão e só vou sair quando vou pegar um ônibus pra ir pra Porto Alegre pra ir lá pro Por do Sol, porque eu moro no Guajuviras e não moro, porque não to vivendo o Guajuviras em si. Mas tá disposto a morar pra mim é ir subir na praça, ir caminhar com as gurias na rua, conversar, descer até lá embaixo na Praça da Juventude só por caminhar e voltar, mesmo morando aqui em cima, fazer isso sabe, tá disposto a conhecer o bairro, que muita gente não tá. Muita gente só fala “ah tem assalto, tem briga, tem morte, tem isso, tem aquilo, não posso sair” ih de noite eu caminho de boa porque eu to disposta a viver o Guajuviras. O Guajuviras me recebeu muito bem então...

O bairro, enquanto descrito a partir da experiência de vivê-lo nos diferentes “pedaços” que o compõem, em diferentes horários e práticas, o faz “símbolo e suporte da experiência urbana” (MAGNANI, 1993). Não estar disposto a morar no Guajuviras, ou seja, viver somente no espaço da casa e transitar pelo bairro apenas para sair dele é como “morar e não morar”, pois morar, nesse sentido, extrapola o simples habitar, englobando o viver diário no bairro. Conhecer o bairro, fugir apenas do estritamente necessário, andar por ruas que não fazem parte do seu trajeto diário apenas para conversar com os vizinhos, se apropriar do espaço e ser parte dele.

Assim, o bairro descrito por Liane é aquele que, conforme Magnani, quiseram “matar”, como meio de “garantir espaços cuidadosamente separados para morar, circular, divertir-se, trabalhar” (MAGNANI, 1993, p. 2). O Guajuviras, em sua descrição, é espaço onde ocorrem todas essas atividades, paralelamente. O bairro enquanto experiência, então, existe de forma complementar a sua materialidade e segue vivo, possibilitando encontros na diversidade. Assim, a rua onde ocorre a “social”, onde transitam os estudantes, onde os “embolamentos” entram

em disputa, onde amigos se encontram, em sua variedade de “pedaços” e possibilidades de encontro mantém-se viva e permite a experiência de viver o Guajuviras.

Desde sua experiência enquanto moradora, Liane demonstra vínculo altamente positivo com o bairro. Não poucas vezes, durante a entrevista, afirmava o quanto gosta de viver no bairro. Sua vivência em diferentes círculos, que extrapolam as fronteiras do bairro mas que, de modo geral, se formaram no território, embasa sua leitura sobre o mesmo. Sua passagem pelo Protejo, projetos sociais desenvolvidos na escola onde estudou e onde foi professora em oficinas de dança, sua participação na igreja e no universo do rap (em especial o rap cristão), são algumas das experiências que viveu no bairro. Em sua trajetória, o bairro possivelmente foi o cenário principal de sociabilidades, onde se forjou enquanto cantora e educadora social. Além disso, a “disposição” de viver e experienciar o bairro evidencia a existência do Guajuviras pra além do estigma territorial.

Nesse sentido, de modo geral, é possível afirmar que os jovens entrevistados vivenciam essa “disposição” de viver o bairro. Ao produzir diferentes formas de lidar com suas questões, especialmente com o estigma do qual são alvo, buscam outras formas de experimentar o bairro. É a experiência de viver o Guajuviras que embasa as visões que constroem sobre o bairro, sobre a Casa da Juventude e sobre os diferentes “pedaços” que compõem o viver no bairro.

### **Considerações finais**

A experiência de viver no bairro Guajuviras é marcada pelo convívio com situações de violência e com o estigma de ser morador de bairro de periferia. A fama de “lugar perigoso” afeta a vida dos jovens, especialmente quando saem do bairro. É nesse sentido que constroem suas trajetórias no bairro, buscando estratégias para enfrentar o estigma territorial que os assola. Seja buscando um outro morador “culpado” pela má fama do bairro, participando da Casa da Juventude ou da “Social” dos “embolamentos”, há uma espécie de objetivo comum: Afirmar que o Guajuviras não pode ser resumido a violência. Embora acabem reforçando o estigma e seus efeitos, há o desejo comum de diferenciar-se da imagem negativa atribuída ao bairro.

Assim, pode-se dizer que ser jovem no Guajuviras passa por criar estratégias para “driblar” o estigma de viver no Guajuviras, e apresentar o que existe além da “má fama” do bairro. Assim, a valorização da experiência de viver no bairro de diferentes maneiras é também uma forma de ressignificá-lo, mostrar-se diferente do estereótipo de jovem morador de

periferia. Suas preocupações se baseiam em experiências práticas enquanto jovens moradores do bairro, alvos constantes do estigma e da violência. Portanto, suas ações se dão no presente, como espécie de estratégia de sobrevivência.

É nesse sentido que é possível afirmar que é preciso ter “disposição” para viver o Guajuviras frente às dificuldades postas pela violência e especialmente pelo estigma, há uma série de formas encontradas que possibilitam a experiência de viver o bairro de forma positiva, valorizando os laços e vínculos afetivos que nele se produzem. Enquanto alguns jovens do bairro encontram essa possibilidade por meio de sua participação na Casa da Juventude, outros a encontram no contexto do bairro, das vilas e setores em disputas, ou mesmo na intersecção entre estes espaços.

### Referências Bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

DAMICO, José Geraldo Soares. **Juventudes Governadas**: Dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas RS) e em Grigny (França). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. 290f.

GADEA, Carlos A. **Realidade Juvenil e violência intersubjetiva em bairros de Porto Alegre – contextos, situações e perspectivas**. Porto Alegre: Cirkula, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana**. Versão revista e atualizada do artigo “A rua e a evolução da sociabilidade”, originalmente publicado em Cadernos de História de São Paulo 2, jan/dez 1993, Museu Paulista – USP

\_\_\_\_\_. **Da Periferia ao Centro – Trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012

REGUILLO, Rossana. **Las culturas juveniles**: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. Revista Brasileira de Educação, núm. 23, mai-ago, 2003, pp.103-118 – ANPED Brasil

ROSA, Cristiano Neves da. e GADEA, Carlos A. **Esportes, Lazer e Violência** – Entre Discursos e Segurança Pública. Appris Editora, Curitiba, 2016

SANTOS, Leandro Barbosa dos. **Os Habitantes do Guaju**: Um olhar etnográfico sobre o bairro Guajuviras. 2016.196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de

Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, 2016.

WACQUANT, Loic. **Os Condenados da Cidade:** Estudo Sobre a Marginalidade Avançada. Rio de Janeiro: Revan, 2001

WACQUANT, Loic. **A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada.** Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 16, 2006